



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ANA CLÁUDIA SILVA DOS SANTOS

**“OS GURIS DE DOLORES FELICIANA”: O AMOR E O LUTO DAS
MÃES NEGRAS NA LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

JOÃO PESSOA - PB

2022

ANA CLÁUDIA SILVA DOS SANTOS

**“OS GURIS DE DOLORES FELICIANA”: O AMOR E O LUTO DAS MÃES
NEGRAS NA LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras –
Língua Portuguesa, da Universidade Federal da Paraíba
— UFPB, como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Franciane Conceição da Silva

JOÃO PESSOA - PB

JUNHO – 2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237o Santos, Ana Claudia Silva dos.

"Os guris de Dolores Feliciano": o amor e o luto das mães negras na literatura de Conceição Evaristo / Ana Claudia Silva dos Santos. - João Pessoa, 2022.
43 f.

Orientação: Franciane Conceição da Silva.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2022.

1. Maternidade negra. 2. Amor. 3. Luto. 4. Genocídio. 5. Literatura. I. Silva, Franciane Conceição da. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-055.2

ANA CLÁUDIA SILVA DOS SANTOS

**“OS GURIS DE DOLORES FELICIANA”: O AMOR E O LUTO DAS
MÃES NEGRAS NA LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal da Paraíba — UFPB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

TCC defendido em: 16/06/2022

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Franciane Conceição da Silva
(Orientadora – DLCV/UFPB)

Profa. Dra. Danielle de Luna e Silva
(Examinadora - (DLEM/UFPB)

Profa. Dra. Assunção de Maria Sousa e Silva
(Examinadora - UESPI)

Profa. Dra. Fabiana Carneiro da Silva
(Examinadora Suplente – DLCV/UFPB)

João Pessoa- PB

Junho - 2022

*Dedico este trabalho a minha família, a meu
companheiro Caio, a minha filha Aurora, e a todos
aqueles que de maneiras diversas colaboram com
um mundo onde se reine a paz, a esperança e a
caridade.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus Todo Poderoso pelo auxílio que me deu durante todas as etapas de meu curso, e a Sua Mãe Maria Santíssima pelo acalento nos dias de maiores dificuldades.

A minha família, e de modo especial a meu esposo, Caio Rodrigo de Castro Ferreira, a minha filha, Aurora Catarina que foi um presente durante esse período, a minha mãe, Alexandra Silva dos Santos, a meu pai, Claudeci Lopes dos Santos, a meu irmão Carlos Alexandre, a minha avó, Zélia Maria.

A minha caríssima orientadora, Franciane Conceição da Silva, pelo apoio e pela ajuda despendidas gratuitamente a meu favor.

A minha querida Universidade Federal da Paraíba, um sonho de criança que me abraçou durante esses anos.

A todas as minhas colegas de curso, que me ajudaram nos trabalhos e atividades do dia a dia.

Ao colégio João Caetano, escola onde pude estagiar e observar o ensino e aprendizagem de perto.

A todos que de maneiras diferentes me apoiaram durante essa longa caminhada do curso de Letras/Português da Universidade Federal da Paraíba.

*Morrer acontece
com o que é breve e passa
sem deixar vestígio.*

*Mãe, na sua graça,
é eternidade.*

(Carlos Drummond de Andrade)

*Os ossos de nossos antepassados
colhem as nossas perenes lágrimas
pelos mortos de hoje.*

*Os olhos de nossos antepassados,
negras estrelas tingidas de sangue,
elevam-se das profundezas do tempo
cuidando de nossa dolorida memória [...]*

(Conceição Evaristo)

RESUMO

DOS SANTOS, ANA CLÁUDIA SILVA. *“Os guris de Dolores Feliciano”: o amor e o luto das mães negras na literatura de Conceição Evaristo. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Letras/Português – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2022, 43p.*

A maternidade negra sempre foi tratada com desimportância nas obras literárias canônicas e nas pesquisas acadêmicas. Se observarmos as narrativas da literatura clássica, podemos perceber a valorização do trato das mulheres negras para com os/as filhos/as das senhas brancas em detrimento de sua própria prole. Nesse contexto, o objetivo desta pesquisa é estudar uma outra representação da mãe negra, a partir da análise do conto “Os guris de Dolores Feliciano”, extraído da obra *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016), de Conceição Evaristo. No decorrer do estudo, abordaremos o amor das mães negras pelos seus filhos e os vínculos que os unem; analisaremos dores dessas mães, duplamente violentadas, por perderem os seus filhos e não terem o direito de vivenciar o luto, pois a sociedade racista desumaniza esses corpos e deslegitima as dores dessas mães, propagando a falácia de que as mulheres negras são mais resistentes às dores físicas e psicológicas do que as mulheres brancas. Apresentamos ainda o estudo do texto ficcional, comparando a alguns fatos da realidade cotidiana que revela às muitas violências as quais as mulheres-mães negras são submetidas. Concluímos, no final da pesquisa, que a dor das mães negra enlutadas - mulheres que perderam seus filhos para violência do Estado genocida - não deve ser considerada um problema individual, mas um problema de ordem estrutural que deve ser responsabilidade de toda a sociedade buscar alternativas para impedir que essas atrocidades continuem acontecendo, e, ao mesmo tempo, criando políticas públicas de apoio às mães que perderam seus filhos. No desenvolvimento das análises, utilizamos como embasamento teórico-crítico: FLAUZINA (2006); BAKHTIN (1997); LOBO (2007); BOUSSO (2011); FREITAS (2014); ALARCÃO et al (2008).

Palavras-chave: Maternidade negra; Amor; Luto; Genocídio; Literatura.

ABSTRACT

DOS SANTOS, ANA CLÁUDIA SILVA. *"Os guris de Dolores Feliciano": the love and mourning of black mothers in the literature of Conceição Evaristo. Graduation final project. Graduation in Portuguese – Federal University of Paraíba, 2022, 43p.*

Black motherhood has always been treated as unimportant in canonical literary works and academic research. If we look at the narratives of classical literature, we can see the appreciation of the treatment of black women towards the children of white women at the expense of their own offspring. In this context, the objective of this research is to study another representation of the black mother, based on the analysis of the short story "Os guris de Dolores Feliciano", extracted from the work *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016), by Conceição Evaristo. In the course of the study, we will approach the love of black mothers for their children and the bonds that unite them; we will analyze the pain of these mothers, doubly violated, for losing their children and not having the right to experience grief, as the racist society dehumanizes these bodies and delegitimizes the pain of these mothers, propagating the fallacy that black women are more resistant to pain physical and psychological than white women. We also present the study of the fictional text, comparing it to some facts of everyday reality that reveal the many forms of violence to which black women-mothers are subjected. We concluded, at the end of the research, that the pain of bereaved black mothers - women who lost their children to genocidal State violence - should not be considered an individual problem, but a structural problem that should be the responsibility of the whole society to seek alternatives. to prevent these atrocities from happening, and, at the same time, creating public policies to support mothers who have lost their children. In the development of the analyses, we used as a theoretical-critical basis:

Keywords: Black motherhood; Love; Mourning; Genocide; Literature.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: MATERNIDADE NEGRA NA FICÇÃO DE CONCEIÇÃO EVARISTO.....	13
1.1. MATERNIDADE NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA.....	13
1.3. MATERNIDADE E LUTO	16
1.4. A ESPIRITUALIDADE NA VIVÊNCIA DO LUTO.....	21
1.5. ETIMOLOGIA DOS NOMES NO CONTO	23
CAPÍTULO 2: CRÍTICA AOS “GURIS DE DOLORES FELICIANA”	25
2.1. NARRAÇÃO DO CONTO	25
2.2. O SILÊNCIO DE DOLORES	26
2.3. AS LÁGRIMAS DE SANGUE DE FELICIANA.....	27
2.4. AS TRANCAS E AS CHAVES	29
2.5. O NOJO.....	31
2.6. A MÃE QUALQUER.....	33
2.7. UMA DOR QUE NÃO SE ACABA	34
2.8. UM ÚLTIMO ABRAÇO	35
2.9. DOLORES FELICIANA(S) DE ONTEM E DE HOJE	37
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
4. REFERÊNCIAS	40

1. INTRODUÇÃO

É sabido que no Brasil pessoas negras morrem todos os dias vítimas de balas perdidas, violência policial, tráfico de drogas, morrem nos hospitais sem atendimento devido, morrem por violência obstétrica, pois o descaso estatal é mais virulento e mortal quando se trata de pessoas negras¹. De muitas outras formas, milhares de corpos negros sucumbem no Brasil todos os dias, muitas dessas mortes poderiam ser evitadas, contudo, essas vidas perdidas, normalmente são negligenciadas, não geram revolta ou comoção da sociedade em geral. Essas mortes são somadas a um índice cada vez maior que não incomoda nem um pouco as autoridades competentes, sendo usadas somente como combustíveis para jornais sensacionalistas que, muitas vezes, transformam essas vidas perdidas em objetos de chacota, desconsiderando o valor dessas vidas e os entes queridos que estão sofrendo com a perda, especialmente, as mães. É sobre essas mulheres negras enlutadas que este trabalho, de modo muito sensível, irá tratar. Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa é analisar o luto da mãe negra, que perde seu filho por morte violenta, a partir da análise do conto “Os guris de Dolores Feliciano”, de Conceição Evaristo. Primeiramente, o trabalho quer responder à questão: “Como é vivido o luto da mãe negra?”, depois, o estudo quer responder: “Como a mídia interfere (positiva ou negativamente) em casos de mortes violentas de pessoas negras? Importante ressaltar que todas essas discussões serão desenvolvidas, como já dito, a partir da análise do conto de Conceição Evaristo.

No primeiro capítulo trazemos uma análise geral da situação da maternidade negra na literatura e na sociedade, abordamos pontos da literatura Evaristiana e fazemos análises das principais teorias que utilizaremos no segundo capítulo. Já no capítulo 2 abordamos a análise do conto “Os guris de Dolores Feliciano” ponto a ponto. Finalizamos com a conclusão do trabalho onde reunimos as principais considerações sobre o assunto.

O trabalho que realizei sobre o luto das mães negras me fez observar a profundidade das diferenças sociais e raciais que existem no Brasil: seja na literatura, seja na própria sociedade. A desvalorização que sofre a maternidade negra nos faz ver que ainda há muito o que fazer para que nós – mães negras – sejamos valorizadas como pessoas plenas de direitos. O conto “Os

¹ Vide reportagem da EBC: “Negros têm 2,7 vezes mais chances de serem mortos do que brancos”, da repórter Akemi Nitahara. (<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-11/negros-ou-pardos-tem-27-mais-chances-de-serem-mortos-do-que-brancos>)

guris de Dolores Feliciano” me atraiu, exatamente, porque foca nesse silenciamento da dor da mãe negra que tem seus sofrimentos reprimidos e ignorados.

Dentre as muitas temáticas que são abordadas na produção literária da escritora Conceição Evaristo, destaca-se a encenação de histórias de personagens negras vivendo em diferentes contextos. Através de uma escrita poética e afiada, Evaristo denuncia a exclusão estrutural do negro na sociedade brasileira, como ocorre no conto “Os guris de Dolores Feliciano”, objeto de estudo de nosso trabalho. As dores e os impropérios da sociedade que força uma maioria negra a se adaptar aos costumes e modos de vida branco e europeu são apresentados nos contos da autora mineira de modo profundo e ao mesmo tempo sucinto. Conceição Evaristo representa bem em seus contos aquela necessidade que o negro – na sociedade atual – tem de valer por duas pessoas para que a sociedade o valorize como uma só. Se o artista branco pinta um quadro, o artista negro deve pintar dois e gastar metade da tinta para não lhe acusarem de roubo. Se o atleta branco corre 100 metros e aí já está exausto, o atleta negro deve correr 200 metros até começar a cansar para não ser chamado de preguiçoso. Estamos numa sociedade que chamar o amigo de branquelo não tem o mesmo aporte emocional que chamar o amigo de crioulo ou “negão”. Se uma pessoa branca ou de alto poder aquisitivo morre, a sociedade se revolta, se comove, se mobiliza, se indigna. Se 100 pessoas negras, de uma comunidade periférica, são assassinadas, essas mortes viram notícias de jornais sensacionalistas, pode até virar reportagem nos grandes jornais, mas pouca gente se comove, se revolta ou se mobiliza. Para a maioria da sociedade, a morte de pessoas negras é menos importante. Esses corpos são considerados matáveis, conforme mostramos na informação abaixo:

No ano de 2012 as AF vitimaram 10.632 brancos e 28.946 negros, o que representa 11,8 óbitos para cada 100 mil brancos e 28,5 para cada 100 mil negros. Dessa forma, a vitimização negra foi de 142%, nesse ano; morreram proporcionalmente e por AF 142% mais negros que brancos: duas vezes e meia mais. (...) Com relação aos níveis de vitimização por AF de negros, existem UFs, como Alagoas e Paraíba, onde essa seletividade racial nos homicídios por AF supera a casa de 1.000%. Em outras palavras, para cada branco vítima de arma de fogo nesses estados, morrem proporcionalmente mais de 10 negros, vítimas de homicídio intencional. (WASELFISZ, 2015. p.80 -81.).

O poema abaixo “Certidão de Óbito”, de Conceição Evaristo, extraído da obra *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), de maneira forte e poética denuncia o processo histórico de genocídio contra a população negra:

Certidão de Óbito

Os ossos de nossos antepassados
 colhem as nossas perenes lágrimas
 pelos mortos de hoje.
 Os olhos de nossos antepassados,
 negras estrelas tingidas de sangue,
 elevam-se das profundezas do tempo
 cuidando de nossa dolorida memória.
 A terra está coberta de valas
 e a qualquer descuido da vida
 a morte é certa.
 A bala não erra o alvo, no escuro
 um corpo negro bambeia e dança.
 A certidão de óbito, os antigos sabem,
 veio lavrada desde os negreiros.
 (CONCEIÇÃO, 2017, p. 16)

Assim como no poema acima, Conceição Evaristo questiona em seus contos sobre o acaso que nunca erra o alvo, sobre aquele raio que sempre cai no mesmo lugar. Se ali há um negro, a bala irá cruzar o ambiente, espremer-se entre vários braços, desviar de um ou outro até atingir o peito ou a cabeça de um jovem negro. Em “os guris de Dolores Feliciano” observamos visivelmente esse fato, principalmente quando a personagem descreve que a bala que matou um dos filhos fez pedaços de seu cérebro voar pelos ares. Essa é a realidade de muitas mães negras que acordam cedo para ir trabalhar no serviço pesado, no comércio, em feiras, na maré e que voltam para casa exaustas, mas com o mínimo de sustento para os seus filhos. O que Conceição Evaristo acrescenta é o porquê do sofrimento dessas corajosas mães não ser considerado pela nossa cultura, por qual motivo as lágrimas dessas mães não são acolhidas com consolo e ajuda e sim com desprezo e nojo.

Conceição Evaristo expõe em seus textos os problemas que ocorrem em nossa sociedade. Esses problemas são expostos, em certo sentido, em forma de protesto, pois ela nos possibilita escutar a voz de pessoas negras que foram historicamente silenciadas. Vê-se muita proximidade com aquilo que está escrito, como se a escritora fosse um observadora que está dentro da cena. O realismo que é apresentado nos trechos de seus contos faz com que se possa sentir o estalo das balas ou o choro da mãe Dolores Feliciano.

Evaristo é um dos maiores nomes da Literatura Brasileira Contemporânea, tendo ganhado, inclusive, o prêmio Jabuti em 2015 e personalidade literária do mesmo prêmio em

2019. Seus contos, poemas e romances são retratos do cotidiano, representam um manifesto contra as perseguições e sofrimentos por questões de raça e gênero, assim com retoma o elo entre os valores ancestrais da cultura e das tradições negras. Conceição Evaristo reivindica o espaço das mulheres negras mesmo que isso necessite de imposição pessoal como disse na entrevista ao programa Roda Viva da TV Cultura em 2021:

Estamos evoluindo, mas a evolução não se deu gratuitamente. É preciso que nós, mulheres negras, é preciso que a gente force passagens, empurre as portas. Nossas conquistas são oriundas de lutas, à medida que impomos nossas vozes e reivindicamos esses espaços. Aí, realmente, eles vão se alargando" (CONCEIÇÃO EVARISTO, RODA VIVA – 2021).

As personagens criadas por Conceição Evaristo ao tentar ocupar os espaços que são seus por direito, enfrentam muito mais do que a meritocracia (que não observa as diferentes realidades), precisam enfrentar o racismo, a podre doença que emburrece e empobrece uma sociedade, seja financeiramente, culturalmente ou moralmente.

A escrita de Conceição Evaristo é antes de tudo uma “escrevivência”. O conceito criado por ela mesma, constitui a base de sua escrita, de maneira que consideramos muito importante explicitar o que é esta escrevivência. Para tanto, não podemos nos firmar simplesmente na sonoridade ou mesmo na grafia da palavra como afirma a autora (EVARISTO, 2020, p.30). De modo que é necessário vislumbrar a figura da mãe preta, que na casa grande, além de assumir as demais tarefas domésticas, também era responsável por cantar e contar histórias aos filhos de seus senhores para os ninar, estes, que futuramente seriam os seus próprios escravizantes. Assim, a escrevivência seria a retomada da voz dessas mulheres que outrora tiveram até a sua fala silenciada, violentada sob o jugo da escravidão. Assim, podemos dizer que para as mulheres negras, a escrita é uma potência que a elas foi negada pelo branco que ocupava (e ainda ocupa) o local de poder. Portanto, como afirma Evaristo:

(...) Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana (...) (EVARISTO, 2020).

Os textos de Evaristo trazem de volta a experiência do povo negro, agora por escrito, para que os leitores e as leitoras de todas as raças possam enxergar – às vezes até pela primeira vez – que o povo negro também tem uma grande história e que essa merece ser respeitada.

CAPÍTULO 1: MATERNIDADE NEGRA NA FICÇÃO DE CONCEIÇÃO EVARISTO

1.1. MATERNIDADE NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA

A presença da mulher negra na literatura brasileira remete às clássicas aparições das mães pretas, as amas de leite, que cuidavam com empenho dos filhos dos patrões brancos. Nessa literatura do século XIX, e a do início do século XX, a mulher negra tinha o seu lugar de mãe realocado dentro da família das sinhás, onde sua subjetividade era desconsiderada, sua maternidade afastada e tudo o que se queria era o seu servilismo. No período escravocrata era regra afastar relações pessoais ou familiares entre os negros africanos. Para isso juntavam dentro das senzalas pessoas de diversas etnias e línguas para gerar ali um efeito torre de Babel. Como não se entendiam estava assegurado que não haveria conspirações para tramar planos de fuga nem rebeliões entre eles². A mulher negra muitas vezes era afastada de seus filhos para cuidar dos filhos das mães brancas. Representar a mãe preta sem a relação com seus próprios filhos e focar no seu servilismo para com os filhos das mães brancas é o que há de mais comum na literatura canônica. É um reflexo do estado das coisas na sociedade e uma maneira de defesa das injustiças daquele sistema. A mãe negra ao criar os filhos de seus patrões é representada como servas habilíssimas, prestativas e amáveis. Parece que elas tomam os filhos das sinhás como seus próprios filhos amando-os sobre todas as coisas. Já na relação com seus filhos, a mãe negra é rebaixada aos comportamentos mais instintivos, descuidados e animalescos. É apresentada como se agir em prol de sua descendência fosse algo reprovável. Acerca desse assunto, Conceição Evaristo diz que “a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra” (EVARISTO, 2017, p. 2).

Esse processo de mitificação da mãe preta serviu de pretexto para negar a mulher negra direitos que seriam dados às mulheres brancas. O principal direito negado a essas mães escravizadas era o direito de constituir uma família. Como predominavam nas páginas dos livros a ideia de que o trabalho das amas de leite era deleitoso e sublime, a necessidade da “auto maternidade” parecia ser algo que a literatura e o Estado não deveriam tratar. Não há serviço prazeroso quando se envolve escravidão e violência. Aqueles seios que amamentavam, sem

² HOUAISS, Antonio. O Português no Brasil. Pequena enciclopédia de cultura brasileira. Rio de Janeiro: Unibrade, 1985, p. 71 e 72.

sombra de dúvida, muitas vezes deveriam estar alimentando os próprios filhos e não os filhos das sinhás.

Essa caracterização inicial estabelece a base problemática para o enigma da maternidade da mammy: seu amor por seus encargos se torna mais sublime, mais extraordinário quando suplanta seu amor por sua própria carne e sangue, filhos que pertencem a seu mestre ou, às vezes, aos próprios jovens pelos quais é responsável. (WALLACE-SANDERS, 2008, p.18).

A *mammy* aqui é a representação dessa mãe preta, na perspectiva midiática e literária dos Estados Unidos do século XIX, que, segundo Roncador (2008), mesmo sofrendo o processo de escravização ou estando liberta “é destituída da relação com seus filhos e passa a criar e amamentar os filhos das famílias senhoriais brancas”. O próprio termo “mãe preta” que era utilizado para se referir a essas mulheres negras tinha objetivo de diminuir o termo “mãe”. Não que a palavra preta tenha essa conotação, mas para aquela época “preto” era algo ruim, rebaixado, menor. Logo, as mães brancas seriam as “mães” e as amas de leite e cuidadoras seriam as “mães pretas”³.

As próprias novelas televisivas apresentam esse estereótipo da mãe preta. Quantas e quantas vezes não assistimos as mulheres escravizadas chorarem juntos com seus pequenos patrões por algo que a sinhá ou o patrão fizeram? Ela é apresentada não só como mãe paralela, mas absorve os sentimentos de seus apadrinhados. Dificilmente, essas mulheres escravizadas que moravam dentro da casa grande são representadas levando chibatadas no tronco ou trancafiadas em senzalas. Elas são apresentadas como parte da família. Fazer parte da família não significa ser de fato ou de direito, mas simplesmente estar ali como “um dócil animal de estimação”. Penso esse ser o sentimento da época desses senhores escravagistas. Esse estereótipo da mãe preta invisível é explicado pela pesquisadora Fabiana Carneiro da Silva no artigo “Maternidade negra em Um defeito de cor: a representação literária como disrupção do nacionalismo”:

Somando-se ao estereótipo da “mulata”, a “mãe preta” configura a outra forma com que a mulher negra foi principalmente representada pela literatura alçada à condição de nacional no Brasil. Em ambas as representações, tolhe-se a possibilidade de que essa mulher seja representada subjetivamente enquanto mãe, na medida em que, num dos casos ela é estéril (conforme indica o termo “mula”, do qual deriva “mulata”, que se refere à espécie resultante do cruzamento entre um cavalo e um jumento) e, no outro, sua relação com o próprio filho é invisibilizada (CARNEIRO, 2017, p.245).

Importou-se essa ideia de colonização europeia, que se arrastou até o século passado, de que era preciso se expandir, governar e subjugar. Com o desenvolvimento da literatura nacional, os/as personagens negros/as passaram a ser frequentemente representados como uma espécie

³ RONCADOR, Sonia (2008). O mito da mãe preta no imaginário literário de raça e mestiçagem cultural. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 31, p. 129-152, jan./jun.

de “tapete” que está em todos os salões, no qual todo mundo pisa, mas que ninguém fala dele ou olha para ele. Há essa invisibilidade cruel e sistemática que nos cegou no passado e nos cega no presente. Fabiana Carneiro (2017) ainda continua em seu trabalho tratando dessa invisibilidade da mãe negra na literatura:

É dessa forma que o fato de a mulher negra ter tido a família branca como um espaço de exercício de sua maternidade ao longo do século XIX não é problematizado pela literatura organizada em torno do projeto de construção nacional, que, ao contrário disso, reforça simbolicamente a obstrução da possibilidade de as mulheres negras constituírem seus próprios laços afetivos e reprodutivos (CARNEIRO, 2017, p. 248).

Esse tratamento é explicado, no mesmo trabalho “Maternidade negra em Um defeito de cor: a representação literária como ruptura do nacionalismo”, através de uma nota em que Fabiana Carneiro (2017) se utiliza de um pensamento de Lélia Gonzalez no trabalho “Racismo e Sexismo na Literatura Brasileira”:

Exatamente essa figura para a qual se dá uma colher de chá é quem vai dar a rasteira na raça dominante. É através dela que o ‘obscuro objeto do desejo’ (o filme do Buñuel), em português, acaba se transformando na ‘negra vontade de comer carne’ na boca da moçada branca que fala português. O que a gente quer dizer é que ela não é esse exemplo extraordinário de amor e dedicação totais como querem os brancos e nem tampouco essa entreguista, essa traidora da raça como querem alguns negros muito apressados em seu julgamento. Ela, simplesmente, é a mãe. É isso mesmo, é a mãe. Porque a branca, na verdade, é a outra. Se assim não é, a gente pergunta: quem é que amamenta, que dá banho, que limpa cocô, que põe pra dormir, que acorda de noite pra cuidar, que ensina a falar, que conta história e por aí afora? É a mãe, não é? Pois então. Ela é a mãe nesse barato doido da cultura brasileira. Enquanto mucama, é a mulher; então ‘bá’, é a mãe. A branca, a chamada legítima esposa, é justamente a outra que, por impossível que pareça, só serve pra parir os filhos do senhor. Não exerce a função materna. Esta é efetuada pela negra. Por isso a ‘mãe preta’ é a mãe” (GONZALEZ, 1984, p. 235).

A representação de personagens negras na literatura canônica era deliberadamente executada de modo a corresponder aos medos das classes mais altas de serem suplantadas por aqueles a quem achavam inferior.

1.2. O LUTO DA MÃE NEGRA EM “OS GURIS DE DOLORES FELICIANA

Histórias de leves enganos e parecenças, de Conceição Evaristo, é um livro constituído por 12 contos e uma novela de dois capítulos (Sabela). A obra foi publicada pela primeira vez em 2016, pela editora Malê, e a ilustração da capa foi feita por Ainá Evaristo, filha única de Conceição Evaristo, portadora de uma síndrome genética. Os contos perpassam pelo sobrenatural, trazendo a religiosidade afro-brasileira na figura de Zâmbi, por exemplo, e pelo Cristianismo. O livro traz histórias com diversas temáticas e mesmo nas vivências mais

dolorosas, em algum momento, acontece algo inesperado no enredo, uma espécie de realismo mágico que encanta e entenece os leitores e as leitoras. Outra temática importante dos contos é a marca da ancestralidade e a força da união entre a mãe e o(a)s filho(a)s na dimensão terrena ou espiritual. O livro apresenta vários aspectos que poderiam ser analisados, porém, neste trabalho, o nosso foco é analisar o luto da mãe negra, representado pela personagem Dolores Feliciano. Nesse sentido, vamos apresentar um breve resumo do conto a ser analisado.

No conto *Os Guris de Dolores Feliciano*, encontramos um esboço da realidade violenta que perpassa a sociedade brasileira. Dolores é uma entre tantas mães que tem 24 horas do seu dia voltadas para seus filhos. O conto fala de como ela arruma a roupa de seus meninos, os sapatos etc. Mas, mais do que isso fala da relação que a mãe tem com filhos que chegam, falam com ela em segredo e vão embora. Contudo, Dolores é mãe de três filhos mortos. Três filhos assassinados. Em uma sociedade majoritariamente cristã que pouco se compadece da dor daquela mãe. Existem várias referências ao cristianismo, uma delas é o momento em que Dolores Feliciano é chamada de *Mater Dolorosa*. O título vindo em um momento de lágrimas de sangue a partir da perda de um dos filhos é motivo para crítica de outro jornal, que julga o filho de Dolores como “desgraça” para o mundo enquanto Cristo seria a “Graça”. Porém Dolores encontra apoio e compreensão no colo da Mãe de Deus, pois Ela sabia exatamente qual era a dor de Dolores Feliciano. E assim como a Virgem Maria é unida a Cristo, o consolo de Dolores era sua união com seus meninos⁴.

1.3. MATERNIDADE E LUTO

Pode-se dizer que uma tríade sustenta o conto “*Os guris de Dolores Feliciano*”, a primeira coluna seria a maternidade, a segunda a violência e a terceira o luto. Assim, visando entender um pouco melhor a protagonista desta obra, será feita uma análise de como se dá o luto na maternidade.

O luto seria “uma reação ao rompimento irreversível de um vínculo significativo”⁵. Diante disso, é possível que a reação a este rompimento seja proporcional ao tamanho do vínculo, nessa perspectiva é inegável a força do vínculo mãe e filho no conto e podemos observar isso quando Dolores fala que somente ela vê seus meninos, que isso é um segredo

⁴ EVARISTO, Conceição. *História de Leves Enganos e Parecenças*. Rio de Janeiro. Malê, 2020, p. 47. Vide os tópicos “Uma mãe qualquer” e “Uma dor que não se acaba” do capítulo 2 do presente trabalho.

⁵ Kovács, M. J. (1992). Morte, separação, perdas e o processo de luto. In: Kovács, M. J. (Org.), *Morte e desenvolvimento humano* (pp. 149-164). São Paulo: Casa do Psicólogo, 3a ed.

entre eles e da relação de afeto que há entre eles. “Nas lembranças que tenho do último abraço, vejo a imagem dele se aproximando de mim. Consigo me lembrar de todos os movimentos daquela hora. Nossos braços abertos para o acolhimento mútuo. Nossos braços nos abraçando” (EVARISTO, 2016, p.48). Portanto, a reação diante do vazio não só material, mas também afetivo, pois esses filhos representam tudo para mãe – que se ocupa cuidando dos objetos destes indivíduos, e diretamente destes indivíduos que são seus, na maior parte de seu tempo – mostra a pergunta o que será de mim sem eles? Ou melhor, consigo existir sem a maior parte de mim? A priori são estas perguntas que representam esse “rompimento irreversível” do vínculo mãe-filho para a mãe, como apontam Freitas e Michel:

Os estudos de Brice (1982, 1991) e Martins (2001) afirmam que perder o filho é viver uma promessa não realizada, é perder o próprio futuro. A literatura mostra também que, além da perda do futuro, a perda de um filho é vivida pelas mães como a perda de uma parte de si, a amputação de um pedaço do corpo (FREITAS & MICHEL, 2014, p. 274).

Diante dessa perda, observa-se no conto que Dolores continua esperando os filhos, e que continua cuidando dos pertences dos garotos, mesmo esta atitude não sendo tão comum como apontam Alarcão, Carvalho & Pelloso (2008):

Apesar da inaceitabilidade da morte dos filhos, as mães não demonstraram apego a objetos e pertences, ou à negação da morte do filho; no entanto, é de intensa magnitude o apego às lembranças e à memória que elas carregam, sobretudo em relação ao filho, as quais são revividas intensamente, não importando quanto tempo tenha se passado. Isso me levou a acreditar em uma mumificação da memória materna, que conduz as mães ao desespero e a uma situação insustentável, mas também significa a preservação viva de um vínculo saudável com seu filho. (ALARCÃO, CARVALHO & PELLOSO, 2008, p. 4).

Ora, se ela sabe que os filhos morreram, se é notável a dor incalculável por este fato como é observado neste trecho: “Ela sempre falava deles com a voz entrecortada de sangue também. E foi olhando nos olhos marejados de sangue de Dolores que entendi a expressão “lágrimas de sangue” no dia em que ela me falou pela primeira vez dos três (...)” (EVARISTO, 2016, p. 46). Como ela consegue efetuar esta tarefa de continuar cuidando dos pertences de seus filhos mortos? E por que ela faz isso? Brandão e Chalhub (2009) dizem apoiados em Silva (2009) que:

(...) a ausência é tão difícil de ser suportada que algumas famílias precisam manter as coisas, como uma forma de estreitar a conexão com a pessoa, principalmente nos primeiros meses. Com o passar do tempo, as mudanças acontecem passo a passo, e as lembranças importantes são mantidas, ao mesmo tempo em que os espaços vão sendo modificados naturalmente (Silva, 2009). Entretanto, quando os pais guardam todos os pertences sem ideia de se desfazer, caracteriza-se como um esforço para evitar a dor e adiá-la (Brandão & Chalhub, 2009).

Algo que deve ser levado em consideração é a questão do tempo da permanência dos pertences dos filhos. No caso de Dolores a morte de seus filhos, pelo menos do mais velho estaria com mais de um ano, pois ela relata que foi quando o segundo filho morreu, sem falar do terceiro que ficou um mês desaparecido. O conto não deixa claro há quanto tempo isso tudo aconteceu, mas podemos nos certificar que os primeiros meses da morte de pelo menos um dos filhos já passaram. Assim, ela estaria nesta categoria do “adiamento da dor” e da “mumificação da memória materna que conduz as mães ao desespero”. Contudo se ela conseguiu adiar esta dor, de onde vêm suas lágrimas de sangue? Além disso, o que é um “vínculo saudável com o filho⁶” diante do luto?

Sobre o vínculo com o filho, o estudo de Alarcão (2008) que analisou cinco mães enlutadas, por mortes violentas de seus filhos – cujo tempo do acontecimento na hora da entrevista variava de cinquenta dias a dez anos – chegou à conclusão de que o vínculo com o filho morto gera uma angústia enorme e que a situação da morte violenta, o estado em que o corpo se encontrava, traz a revolta e o desespero a mãe. Portanto, independente de guardar ou não os pertences do filho a angústia, a revolta e o desespero estão presentes. No entanto, a personagem Dolores não apresenta explicitamente revolta, nem mesmo desespero, mas muita dor silenciada. No excerto a seguir a narradora diz:

Às vezes, o silêncio que acompanhava a tarefa da mãe era quebrado pela presença dos três, chegavam em momentos que ela nem via. Apareciam escondidos dentro do guarda-roupa ou debaixo das camas. Com os dedos nos lábios, pediam a mãe que continuasse em silêncio. Ninguém podia saber que eles estavam ali. Ninguém, nem mesmo o pai. Segredo entre eles e ela. Mãe precisa aprender a guardar sigilo. E Dolores Feliciano sabia. (EVARISTO, 2016, p. 46).

Logo, havia um objetivo explícito na acomodação dos pertences dos filhos, o propósito era ver os filhos através daquilo que lhes pertencia. A propósito, é corriqueiro ouvir de uma mãe falar ao filho vivo a frase: “Vi você dentro desta roupa”. E é esse vínculo que Dolores experimenta, ela chega até a ouvir seus meninos. Mas eles a dizem que ela mantenha silêncio. E porque ela deve se silenciar, se seus filhos foram brutalmente assassinados e expostos por uma mídia que se alimenta da dor e da desgraça (como veremos posteriormente). Por que é necessário o silêncio diante de uma dor tão grande?

Sobre o silêncio de Dolores em seu luto, Freitas & Michel (2014) afirmam que “a expressão da emoção exacerbada de uma morte pode ser assumida como constrangedora, devendo ser mantida distante das vistas da sociedade, e neste caso, “o luto solitário e envergonhado é o único recurso”

⁶ ALARCÃO, A. C. J., CARVALHO, M. D. B., PELLOSO, S. M. (2008) A morte de um filho jovem em circunstância violenta: compreendendo a vivência da mãe. *Revista latino-americana de enfermagem*.

(Ariès, 2003, p. 87).” E aqui é essencial marcarmos que estamos falando de uma mulher negra com filhos negros, visto que o país onde vivemos é racista, como aponta Ana Luiza Pinheiro Flauzina (2006), ao comparar o número de homicídios de pessoas brancas e negras:

No que se refere à taxa de homicídio, chegamos aos números de 20,6 em 100.000 para a população branca, e de 34,0 para a população negra. Isso representa uma proporção 65,3% maior de vítimas no segmento negro. Atentando especificamente para a juventude, os números apresentam uma diferença ainda mais drástica. A taxa de homicídios entre os jovens negros é 74% superior à dos brancos. No Distrito Federal, na Paraíba e em Pernambuco, por exemplo, a chance de um jovem negro ser vítima de homicídio é cinco vezes maior que a de um jovem branco. (FLAUZINA, 2006, p. 112-113).

No conto de Evaristo, a personagem Dolores se viu obrigada a sentir a dor da perda dos três filhos sozinha e calada. A dor que, na vida real, inúmeras mães sentem sozinhas, ou melhor, acompanhadas pelas críticas e cobranças sociais, pela culpa de não terem dado o que grupo social deveria ter dado e não deu, é fruto da injustiça e hipocrisia. Não estava sob o poder de Dolores impedir que aquelas balas acertassem seus filhos, mas está sobre o poder da sociedade condenar a violência policial, diminuir as diferenças sociais para que os jovens não precisem ganhar dinheiro no tráfico de drogas, ou sendo ladrões. Aliás em nenhum momento o conto traz uma motivação para que estes jovens sejam assassinados, muito pelo contrário, há um momento em que Dolores afirma que seu filho sumiu “quando saiu para o trabalho e de lá iria para a escola” (EVARISTO, 2016). Sabemos que o motivo para o assassinato dos três filhos de Dolores é, fundamentalmente, a cor de sua pele. Porém, existiria algum motivo justo para tirar a vida de uma pessoa? A propósito, quando falei das questões dos crimes que muitas vezes rapta os jovens no Brasil, tive grande influência da canção “Olha aí meu guri”, de Chico Buarque de Holanda (1981), visto que percebi uma grande intertextualidade entre ela e o conto Evaristiano. Tanto pelo fato de ser a voz de uma mãe que perde seu filho – no caso da canção a mãe não entende o que aconteceu, aparentemente – quanto pelo título do conto dizer dos guri de Dolores, assim como na composição de Chico Buarque falar do “meu guri”, e mais ainda pelo fato do filho mais velho de Dolores ser chamado de Chiquinho parece apontar para a referência que fala da violência contra a mãe e o filho negro. Assim, vista a intertextualidade encontrada nestes textos observemos o que diz Bakhtin (1997) sobre este fenômeno:

O discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, “em pessoa”, como uma unidade integral de construção. Assim, o discurso citado conserva sua autonomia estrutural e semântica sem nem por isso alterar a trama linguística do contexto que o integrou. (Bakhtin, 1997, 144).

Tendo estes pontos em comum, podemos perceber que a intertextualidade ocorre de um discurso para o outro não só a partir do tema, mas a partir do próprio discurso, contribuindo

para as nossas construções sem que nossa produção perca sua autonomia, como pode ser o caso do conto de Conceição Evaristo em relação ao texto de Chico Buarque.

Voltando a questão da violência aos nossos jovens negros, a percepção de mais de 50% da população brasileira segundo pesquisa empreendida pelo Senado Federal é que “A morte violenta de um jovem negro choca menos a sociedade do que a morte violenta de um jovem branco” Data Senado, 2012 (p.88). Segundo a pesquisa do Data Senado, com a participação de 1234 pessoas, 54,3% de pessoas brancas concordam com essa afirmativa, e 56,8% da população negra (autodeclarados pretos ou pardos) também concordam, no que diz respeito aos indígenas e amarelos são 73,3% e 61,7% os que concordam, respectivamente. Essa violência contra negros é trazida diversas vezes no conto “Os guris de Dolores Feliciano”, como no excerto: “Depois foi Zael (...) O corpo dele apareceu depois de três dias de sumido. Dizem que uma única bala fez o cérebro dele voar pelos ares (EVARISTO, 2016, p. 46-47)”.

Antes de analisar o significado destes dados, inicialmente é importante perceber que esta pesquisa diz respeito a opinião de pessoas de todas as raças sobre a violência contra a juventude negra do Brasil, de modo a trazer o dado a partir do lugar de onde se vê e do lugar de onde se vive. Além disso, o número de participantes é de 560 brancos e 595 negros, 15 indígenas e 47 amarelos. Agora, sabendo o contexto da pesquisa podemos observar que a percepção das pessoas brancas sobre o impacto da morte das pessoas negras é o menor. Isso pode se dar pelo fato destas pessoas não vivenciarem esta realidade em suas vidas, mas também a consciência do negro na sociedade foi construída em meio ao racismo, que historicamente pelo fato de não ser branco também não era considerado indivíduo ativo, o que o fez brotar em sua consciência, como aponta MUNANGA (2004):

Um forte ideal de branqueamento, naturalizando os ideais racistas (...) e tal pensamento permitiria [às] elites dominantes dissimular as desigualdades e impe[diria] os membros das comunidades não-brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da quais são vítimas da sociedade.” (MUNANGA, 2004, p. 89).

Assim, pode-se afirmar que tanto a percepção da falta de impacto com a morte de um jovem negro em relação a de um jovem branco quanto ao próprio negro está ligada a este racismo intrínseco a consciência coletiva. Portanto, quando os três filhos de Dolores Feliciano são assassinados, Conceição Evaristo traz mais uma vez uma realidade existente principalmente entre a população negra do Brasil e é impossível dissociar este contexto social à construção desta personagem, mulher, negra e mãe que chora lágrimas de sangue por seus meninos.

1.4. A ESPIRITUALIDADE NA VIVÊNCIA DO LUTO

Dolores Feliciano, vivenciando o luto teve a experiência metafísica de ver a Virgem Maria. Neste conto a presença do cristianismo é constante, ainda que por muitas vezes esta religiosidade represente uma agressividade à mulher negra nos contos Evaristianos, neste caso, ele serve tanto como consolo quanto como arma apontada para Dolores.

A primeira referência que encontramos está no nome da protagonista. “Dolores Feliciano”, visto que a Virgem Maria é chamada de Nossa Senhora das Dores e a mesma Senhora é dita feliz por ter sido digna de ser Mãe de Deus. Esse movimento, pode dizer respeito as dores e alegrias que cercam a maternidade, ou ainda se a Virgem Maria foi feliz por ter sido mãe de Jesus, Dolores também foi feliz por ter sido mãe de Chiquinho, Zael e Nato.

Ao se observar a presença daquela mãe negra vivenciando o luto da perda de um filho um veículo de imprensa a compara a Mater Dolorosa em referência à Virgem Maria. Essa comparação é motivo de polêmica por parte de outro veículo de imprensa que critica o fato do primeiro jornal ter rebaixado a imagem da Virgem a uma mulher qualquer. Nesse ponto temos uma semelhança entre as duas figuras: a mulher qualquer. A própria figura da Virgem Maria enquanto mãe de um Deus não foi suficiente para uma parte da sociedade que, com o tempo, passou a tratá-la como uma mulher qualquer. O catolicismo sempre elevou a figura da Mãe Dolorosa, daquela que guarda tudo em seu coração, da mulher pura e livre de qualquer pecado, uma mãe perfeita desde o momento da concepção. Com o advento da reforma protestante a imagem da mãe perdeu a sua característica imaculada, não se cultuava mais a sua figura materna, nem seus dons e nem a sua perfeição. O fato de ser mãe que antes fazia a sociedade interligar a figura a Virgem Maria, Mãe Dolorosa, agora era ligado à mulher puritana e calvinista, aos seus modos rígidos e regras de etiqueta domiciliares⁷.

A religiosidade da mãe negra em luto é buscada para se ter o mínimo de controle sobre aquilo que é inevitável: a morte. Uma mãe pode trocar as fraldas sujas de um filho; dar-lhe um pedaço de pão quando está faminto; pode lavar suas roupas sujas, mas não pode fazer com que a vida perdida volte ao seu corpo. Ela só pode dar a vida uma vez. Como diz BOUSSO (2011, p. 4): “(...) crenças e valores religiosos são buscados para conceder um significado e um sentido à morte, proporcionando uma diminuição da angústia, o que pode facilitar o entendimento dessa perda.”

⁷ E. Michael Jones, *Degenerate Moderns: Modernity as Rationalized Sexual Misbehavior*, Ignatius, 1993. Abstrações a partir da leitura do livro. Edição em português pela Vide Editorial.

A figura religiosa para Dolores Feliciano é uma companhia que a consola, que a entende por que sente também as mesmas dores que ela está sentindo pela perda de seus filhos. São mães que sentem juntas a espada da morte lhes atravessar o peito em que moram ambos os filhos.

Dolores a “mãe qualquer” tratada assim por aquele veículo de imprensa é formulada por Conceição Evaristo quase enquanto um espelho da própria Virgem Maria em alguns aspectos. Pois se Dolores Feliciano foi perseguida na morte de seus filhos a mãe de Jesus foi no nascimento de seu filho e por isso houve o nascimento do menino Jesus no estábulo. Outrossim, é que Dolores é mãe de três garotos, e sendo a Virgem Maria mãe de Deus é mãe da Santíssima Trindade (três pessoas). Além do fato que Jesus, a segunda pessoa da Santíssima Trindade foi morto e ressuscitou depois de três dias, paralelo a este fato está Zael, segundo filho de Dolores que depois de ter sumido por três dias aparece morto. As proximidades entre as duas histórias estão também nas lágrimas de sangue. Pois se Jesus Cristo suou sangue (protagonista de sua história) Dolores chora lágrimas de sangue (sendo ela a protagonista do conto) e assim como o mesmo Cristo sentiu sua morte por antecipação – o que não se sabe a partir dos evangelhos se Nossa Senhora sentiu – Dolores sente o luto por antecipação pela morte de Nato, seu terceiro filho. Dessa maneira, enquanto Maria Santíssima foi assunta ao céu, ou seja, levada pelo seu filho de corpo e alma após a morte dela. Dolores se finda naquele abraço que faz ela esquecer de todo resto. e ainda se a Virgem Maria esperou pelo Cristo ressuscitado, Dolores espera pelos seus meninos. Então, como poderia deixar de compreender a dor da mãe Dolores a Mãe de Cristo, sempre tão alheia as perversidades do mundo e ligada àqueles que o mundo rejeita. Na verdade, geralmente as mães de filhos mortos se unem para poder enfrentar a dor do luto e aqui estas duas mães se uniram. Uma confortou a outra. A pesquisa de Alcatraz (2008) corrobora esta afirmativa quando diz que:

Todas as mães entrevistadas afirmaram que a vivência da maternidade e da tragédia, ou seja, de uma maternidade esfaçada, gera uma solidariedade e uma união muito fortes entre elas. A mãe nº 2, em choro aflito, expressou: ...a cada morte que acontece eu revivo em mim a dor, principalmente penso nas mães que estão passando por isso.” (ALCATRAZ, 2008, p. 5).

Portanto, a Virgem Maria, aqui neste conto é a única rede de apoio que se apresenta a esta mãe negra, sendo ela a espiritualidade e a pessoa que abraça Dolores. Felizmente Dolores teve algum consolo, no entanto para isso foi necessário que o sobrenatural entrasse no material visto que a realidade do Brasil, a realidade de Dolores é perpassada, ou mais bem formada a partir de preconceitos que excluem e maltratam a mulher negra e que utilizam do sagrado somete para rebaixar e perseguir a mãe do jovem negro.

1.5. ETIMOLOGIA DOS NOMES NO CONTO

O nome de Dolores Feliciano diz muito sobre a personalidade da personagem. O nome Dolores vem do espanhol como uma contração da invocação Maria de las Dolores (Maria das Dores). Vê-se que já em seu primeiro nome a protagonista traz as dores que irá sofrer em sua vida: a perda de seus três filhos. O segundo nome, Feliciano, parece se contrapor ao primeiro por significar felicidade e sorte, do latim *felicis/felix*⁸. Tem-se a mãe dolorosa e feliz. Dolorosa porque sofre a dor da perda diariamente, dentro de si e fora de si. A dor que preenche o seu interior que ora a sufoca e ora a faz sangrar, se estende aos cômodos de sua casa. Ela vê seus filhos em cada canto, ela ainda sente seus braços e os bons momentos. Feliz porque os tem e os teve. A morte afasta a presença física dos filhos de Dolores, mas não afasta a presença espiritual. Eles não estão mais ali materialmente – e isso é a dor – mas estão ali espiritualmente – e isso é a alegria. Não há antítese dentro do nome da personagem, pois a dor gerada é fruto da alegria que ela sente em ser mãe de seus filhos. A feliz e sortuda Dolores. Afinal, ela teve seus três filhos e será mãe deles vivos ou mortos, presos ou soltos, trabalhadores ou não, estudantes ou não. A simplicidade do amor de mãe de Dolores preenche suas manhãs com o serviço aos filhos desde o tempo em que eles viviam e não se encerra depois de suas mortes.

O primeiro filho de Dolores a ser assassinado foi o mais velho, Chiquinho aos 19 anos. Chiquinho provavelmente é uma contração de Francisco. A etimologia do nome Francisco não tem nenhuma ligação com o conto. *Frank* do germânico *Franco/Francês* e o radical *isk* que denota nacionalidade. Ou seja, *Frank* + *isk* seria “aquele que vem da França”. No entanto, Francisco é um nome muito popular na sociedade brasileira e localiza a família de Dolores em seu estrato social.

O segundo filho a ser assassinado foi Zael, o filho do meio, aos 16 anos. O nome Zael significa aquele que foi desejado, implorado. Dolores, hoje em luto, deseja a vida de seus filhos assim como desejou a vida deles antes de seu nascimento. Na gravidez, do oculto no ventre se sabia que iria brotar a vida de seus filhos, inclusive a personagem diz: “ando assim, com o útero dolorido” (EVARISTO, 2016 p.47). Na morte, do oculto insondável se sabe que não há essa possibilidade mais. Então, o que resta a Dolores é implorar para que ao menos suas presenças mentais/espirituais permaneçam nem que seja debaixo da cama ou dentro guarda-roupa.

⁸ Os nomes analisados nesse tópico foram consultados no site “Dicionário de Nomes Próprios” (<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/>) em 10/04/2022.

O último a ser assassinado foi Nato, o caçula. Vamos analisar esse nome como se fosse próprio e não um apelido. Nato significa nascido. O fato de nascer, de ter vida, deveria ter sido algo a se considerar. Mas a sociedade em que Dolores mora não tem tanto apreço pela vida humana quanto ela desejaria que tivesse. Desse fato, filho após filho foi sendo levado pela velocidade e crueldade das balas.

Observe que o nome central do conto é o da própria Dolores Feliciano em torno do qual o nome dos filhos orbita. Isso serve para mostrar duas coisas. Primeiro a profunda dor da mãe que sofre o luto dos filhos, que por eles vive e que a partir deles tira suas alegrias. E segundo, focar especificamente na dor da mãe e não nos motivos que levaram ao assassinato dos filhos. O foco do conto é apresentar a interioridade e a exterioridade de Dolores Feliciano. Como ela se sente a respeito do acontecido, como ela reage com o seu ambiente domiciliar e como a sociedade – através da imprensa – a enxerga a partir dos fatos.

A violência praticada contra filhos negros tem afastado um percentual de mulheres negras do desejo da maternidade. A cada assassinato que ocorre a culpabilização das mães aumenta junto com a naturalização das mortes e isso reforça nessas mulheres o desejo de evitar a constituição de uma família com filhos. A mulher negra é constantemente cobrada a ser forte, pois o filho merecera o fato de ser assassinado. Na realidade, ela não deveria precisar atravessar essa dor porque o assassinato de seus filhos nem deveria acontecer.

CAPÍTULO 2: CRÍTICA AOS “GURIS DE DOLORES FELICIANA”

2.1. NARRAÇÃO DO CONTO

O conto “os guris de Dolores Feliciano” apresenta uma narradora onisciente que acompanha os acontecimentos da vida da personagem Dolores Feliciano e de seus três filhos. A rotina de dona de casa da personagem é apresentada de maneira realista, com detalhes dos processos de arrumação do quarto e dos pertences de seus filhos. Sapatos, roupas, cuecas e meias são explicitados para integrar aquele que lê à realidade vivida por Dolores: uma realidade simples, específica das classes mais pobres e de muito trabalho doméstico. A narradora, a priori, não nos diz se os filhos da personagem estão vivos ou mortos, mas simplesmente apresenta a rotina de Dolores:

“Todas as manhãs Dolores Feliciano abria o guarda-roupa e averiguava se os pertences de seus meninos estavam organizados. E contava: 5 camisas (social), 11 shorts, 21 camisetas (sem manga), 15 camisetas (de manga), 5 calças jeans, 3 paletós, 1 gravata, cuecas ela não contava, calculava umas 30, não mais.” (EVARISTO, 2020, p.45).

Esse desenvolvimento inicial da trama nos faz ler o texto com tranquilidade para em poucos parágrafos depois, nos chocar com a realidade. De início tínhamos a impressão de estarmos tratando apenas da “Feliciano”, a mulher feliz. Vide que muitas mulheres negras no Brasil têm uma rotina absolutamente extenuante, seja com o trabalho externo, seja com o trabalho doméstico ou até mesmo com ambos (realidade de muitas) e mesmo assim conseguem manter a convivência e a educação dos filhos: isso tudo com “felicidade”. Para muitas a felicidade consiste em ter seus filhos bem ao lado delas. “Nesse exercício as manhãs de Dolores se gastavam. Às vezes o silêncio era quebrado pela presença dos três” (EVARISTO, 2020, p.45).

A narradora identifica esse silêncio de Dolores. O silêncio nessa primeira perspectiva ainda não tinha sido ligado a dor. Parecia que a personagem simplesmente estava sozinha em casa: seus filhos haviam saído para a escola ou trabalho (ou qualquer outro lugar) assim como o seu esposo. Haveria ali um dia de rotina solitária. Mas, é bem mais profundo do que isso. Se trabalhar sozinha o dia inteiro fosse o maior problema das mulheres negras, esse problema já teria tido alguma solução. Mas, muitas vezes o maior problema é a carga social negativa que lhe cai sobre os ombros. E esse problema parte da sociedade que a circunda (com seus costumes e práticas nefastas à mulher negra), da sua família (que a cobra um emprego de carteira assinada para não ser desqualificada por conta de valores materialistas) e de seu próprio marido (que

quer chegar em casa e encontra somente a “janta pronta”). A relação mãe negra versus esposos é marcada por grande quantidade de desvalorização, abandono e violência.

“As mulheres negras são mais pobres, moram em áreas mais precárias, mais distantes da rede de atendimento. Têm menos recursos financeiros para procurar ajuda, para conseguir um carro, um transporte, e têm redes de apoio menores. Quando chegam a esses serviços, elas enfrentam um racismo institucional. Ou seja, nem sempre são ouvidas, nem sempre são respeitadas, nem sempre a sua queixa é levada a sério. Isso termina desestimulando essas mulheres a fazerem uma denúncia e procurar ajuda na rede institucional.” (PORTELLA, 2020, portal G1).

A fala de Portella (2020) diz muito sobre a vida de Dolores, perceba que em momento algum do conto a companhia do marido, da família de Dolores ou de qualquer amiga que seja é trazida à história. Tampouco se fala de alguma profissão remunerada que Dolores ocupava. Na verdade, a narrativa que vemos denuncia como vivem várias mulheres negras no Brasil, inseridas em uma realidade de abandono e múltiplas violências.

2.2.O SILÊNCIO DE DOLORES

O silêncio de Dolores Feliciano é ao mesmo tempo contemplativo, amedrontado e doloroso. Ela não quer ter interveniências no momento em que observa a figura de sua prole. O momento é sagrado porque é incerto e único. Quando seus filhos aparecem em alguns lugares da casa ela não pode perder tempo explicando ou falando, deve apenas contemplar aquele êxtase. Os filhos surgem para Dolores porque ela os ama, e não é mais necessário reforçar isso porque a dor do coração da mãe já extravasa às consciências dos filhos. Também não é necessário questionar os porquês das mortes porque a realidade já se encarregara disso. Sentirlos fisicamente além de ser impossível já não é mais necessário porque o coração de Dolores já consumiu todo o seu corpo em luto e sofrimento (ela ainda os sente, seus movimentos e abraços). Por isso a personagem silencia contemplativamente, como aparece no texto: “Apareciam escondidos dentro dos guarda-roupa ou debaixo das camas. Com os dedos nos lábios, pediam à mãe que continuasse em silêncio. Ninguém podia saber que eles estavam ali” (EVARISTO, 2020, p.46).

Ao mesmo tempo em que se conforta ao ver a imagem dos filhos, Dolores não pode revelar isso a ninguém (por pedido dos próprios filhos aqui entendido como a autoconsciência de que isso traria críticas severas ao comportamento da mãe). Se Dolores dissesse a alguém que seus filhos mortos aparecem dentro de móveis da casa muitos a taxariam como “louca”. Daí para a sociedade ligar o comportamento de Dolores à histeria não tardaria muito e ela quer

evitar isso. De certa forma uma repressão que gera uma auto repressão. Nesse ponto temos o silêncio do medo. Nem mesmo ao próprio marido ela revela essa situação, provavelmente por concluir, a partir de seu comportamento, que ele não a julgaria bem por isso. Esse é um grande problema: as mulheres negras não possuem o apoio dos próprios maridos. Os rasgos da escravidão negra dilaceram a pele já sofrida por dentro e por fora, na senzala do casamento forçado, no tronco da violência doméstica e nos grilhões de uma sociedade estruturalmente racista. Silenciar para Dolores é se proteger de mais algumas chibatadas. O excerto que evidencia isso é o seguinte: “Ninguém podia saber que eles estavam ali. Ninguém, nem mesmo o pai. Segredo entre eles e ela. Mãe precisa aprender a guardar sigilo. E Dolores Feliciano sabia.” (EVARISTO, 2020, p.46)

Quando Dolores diz que as pessoas reprovam o fato dela manter o quarto dos filhos arrumados observamos um ato de julgamento. É a inquisição da dor onde os inquisidores se sentam em seus tronos de pretensa sabedoria e benevolência e começam a ditar as regras de como sentir de forma correta a dor de uma mãe que perdeu todos os seus filhos. “Os três meninos são os meus guris. Não estão aqui agora, mas a qualquer hora, chegarão, pois vão e voltam sempre. Por isso conservo a arrumação, embora muitos digam para eu desfazer tudo.” (EVARISTO, 2020, p.46). A exposição à morte já é dura demais para Dolores, por isso ela quer distância de mais flagelos.

As personagens que julgam Dolores sem compreender as suas perdas, representam o panorama de nossa sociedade. Para muitos, julgar é preciso, ajudar e estar ao lado são meras conveniências. Por que, e com que direito, as pessoas (sejam pessoas comuns, ou um repórter de televisão, ou um apresentador do *show business* se arvoram em apontar o dedo para as mães negras enlutadas de certa forma com o desejo de ensiná-las a sofrer, repreendendo-lhes as lágrimas e o amor por seus filhos? Não têm esse direito, portanto, o que expressam é apenas o reflexo de um preconceito racial que se arrasta de geração em geração em nossa sociedade. Será que essas mesmas pessoas diriam isso a uma madame branca ao entrar em sua casa de 2000 metros quadrados cheia de cristais e tapetes caros? Sabemos que não. O silêncio de Dolores busca a sensatez perante uma sociedade sedenta para enquadrá-la. Assim, diante dos insensatos, Dolores manteve o silêncio.

2.3. AS LÁGRIMAS DE SANGUE DE FELICIANA

O bom senso nos faz concluir que a dor do silêncio de Dolores não é algo fácil de suportar. É antes de tudo um martírio diário que busca se preencher de lembranças de um passado que não volta mais. Essa prisão que se perpetua de fora para dentro – seja pela pressão da sociedade, seja pela falta de apoio da família – tem trancas bem resistentes cujas chaves parecem ter sido jogadas fora. A frente veremos mais sobre essas trancas e chaves do cotidiano das mães negras.

A dor de Dolores Feliciano vinha sendo apresentada como que em eufemismos até o leitor se deparar com o ponto nevralgico da dor da mãe: as lágrimas de sangue pelos filhos mortos. Nesse parágrafo o narrador traz as metáforas da dor. Não restam dúvidas da profundidade da dor da personagem. O sofrimento e o medo se materializam em gotas de sangue.

“Quando Dolores Feliciano falava dos filhos, os olhos dela vertiam sangue. Ela sempre falava deles com voz entrecortada de sangue também. E foi olhando nos olhos marejados de sangue de Dolores que entendi a expressão “lágrimas de sangue”, no dia em que ela me falou, pela primeira vez dos três” (EVARISTO, 2020, p.46).

Percebe-se aqui que o narrador conversa com a personagem, aparecendo em primeira pessoa quando diz que “ela me falou”. A narradora está se colocando dentro da história, ao lado do sofrimento da personagem Dolores. A narradora é onisciente e, de certa forma, intrusa na história. A perspectiva narrador/personagem aqui é de preocupação: deseja-se entender o que, na realidade, está significando para Dolores a vivência do luto.

A narradora do conto que afirma que pela primeira vez entendeu o que significa a expressão “lágrimas de sangue”, na verdade, é a presença do nosso olhar dentro da narrativa, isto é, um olhar que ao ver o choro desesperado de Mirtes (mãe do pequeno Miguel, que por negligência da sinhá caiu do 9º andar de um prédio em Recife), reconhece e se conecta com essa dor. Enfim, a mãe de Miguel, assim como Dolores, relata com sangue nos olhos os rituais de cuidado que tinha com a vida e o corpo do filho (GONÇALVES, CARDOSO, 2020, p.10).

Essa parte do texto tem um clamor social muito importante. Busca mostrar que a dor daquela mãe negra deve ser assumida como uma responsabilidade de todos. Muitas vezes esse choro é negligenciado e tratado com desprezo, considerando que aquela mãe “está chorando por um bandido morto” ou que “bandido bom é bandido morto”. Quando se parte desse ponto ninguém mais quer saber a motivação das mortes, das prisões; ninguém mais quer saber o estado em que irá ficar a família dos jovens negros mortos. Essas abordagens só aumentam a casta dos excluídos.

As “lágrimas de sangue de Dolores” a localiza sozinha em seu próprio Horto das Oliveiras. Ela sofre sozinha, dentro de seu quarto, onde ninguém poderá lhe roubar a atenção

para a contemplação da dor de seus filhos. É um isolamento cruel que a sociedade lhe reserva, negando-lhe a vida e o direito de ser mãe. A estrutura social trata a mulheres negras como mais resistentes, como se a dor tivesse cor. Consideram que “já que é negra aguenta perder um filho”, “já que é negra aguenta esperar 16 horas até o parto normal”, “já que é negra não há problema em ser pobre, passar fome e ter sua casa inundada”. Observamos esse tratamento da sociedade num romance da escritora estadunidense Zora Neale Hurston, *Seus olhos viam Deus* (1937), quando a avó dá a seguinte declaração:

Querida, o branco manda em tudo desde que eu me entendo por gente. Por isso o branco larga a carga e manda o crioulo pegar. Ele pega porque tem de pegar, mas num carrega. Dá pras mulheres dele. As crioula é as mula do mundo até onde eu vejo. Eu venho rezando pra num ser assim com tu (HURSTON, 1937, p.31).

Essa falsa ideia de maior resistência da mulher negra frente ao sofrimento abre margens para o aprofundamento de desigualdades e para o preconceito.

2.4. AS TRANCAS E AS CHAVES

As trancas da vida de Dolores Feliciano, assim como a da vida da maioria das mães negras no Brasil, são o racismo, a desigualdade e a violência. O sofrimento da mãe negra é completamente desvalorizado ou apresentado de forma estereotipada. Ambas as formas aprofundam ainda mais a deficiência. No Brasil, os casos de racismo contra mulheres negras são evidenciados ano após ano.

O mito de que a mulher negra é “mais forte” ou “mais resistente a dor” é a máxima do racismo brasileiro, plantado ainda no período da escravidão no Brasil e que até hoje permanece naturalizado. Por isso, as mulheres supostamente “mais frágeis”, as brancas, passam na frente e recebem o atendimento pelo qual a mulher negra esperou ou precisava mais. Não é por acaso que pelo menos 60% dos casos de mortalidade materna são de mulheres negras. (PORTAL THEMIS, 2015, EDITORIAL).

A violência do Estado contra filhos de mães negras é motivo de reportagens diárias nos programas policiais da hora do almoço e do jantar. As pessoas se acostumaram a ver os corpos debruçados sobre o chão e não se sensibilizam mais com a dor do outro. As mães negras são apresentadas como “coniventes” que se afogam em lágrimas pela morte de um “bandido”. Isso tem gerado a continuidade dessa cultura racista que mata e comemora o enterro não de uma pessoa, mas “de um CPF”.

A violência policial também é um problema muito específico das mães negras – tantos os seus filhos e familiares, quanto elas próprias estão na mira do racismo armado. (...)

O fato é que as mães negras passam por situações que as mães brancas nem sequer precisam se preocupar, como a discriminação racial sofrida pelos filhos. O quadro social dessas mulheres é urgente e muito grave, mas suas questões ainda não são lembradas como deveriam e nem mesmo os movimentos sociais aprofundam o debate. Por racismo e por machismo, as mulheres negras e suas demandas não entram em pauta. (PORTAL THEMIS, 2015, EDITORIAL).

Sair desse círculo vicioso de morte, violência e racismo só é possível para mães negras como Dolores Feliciano se houver uma redução das desigualdades sociais e raciais. Essa é uma das chaves de libertação da mãe que sofre diariamente pelas necessidades do dia a dia, pela morte dos filhos ou pela falta do pão nosso de cada dia. Matar os filhos das mães negras não é apenas atirar uma bala de fuzil em suas cabeças, mas também lhes negar a educação básica, o tratamento de saúde, a alimentação, o saneamento, a segurança e a proteção social.

Nato, o “filho menorzinho de Dolores, tinha saído para o trabalho para depois ir à escola. Como Nato era o caçula e Zael tinha 16 anos (pois “nem havia completado 17 anos ainda”, como diz o texto do conto), conclui-se que Nato teria – no máximo – 15 anos. Consideremos que Nato tivesse 15 anos. Como um jovem, nas condições do mundo de hoje, pode satisfatoriamente estudar e trabalhar? Como ele voltava para a casa à noite, também se pode apreender que ele trabalhava o dia inteiro e a noite se dirigia a escola? Não era um emprego de carteira assinada por ser menor de idade e ter turno integral. Talvez Nato passasse o dia em semáforos limpando para-brisas de veículos, ou vendendo balas; cuidando de estacionamento ou engraxando sapatos nas praças. Dolores Feliciano deve ter procurado as chaves para quebrar essa desigualdade em diversos lugares: como atendente em um shopping, cozinheira de algum restaurante, zeladora de algum prédio. Será que alguém lhe estendeu a mão? Possivelmente não. Mas, antes de buscar essas chaves será que antes já não lhe foram negadas as chaves da educação? Dolores, assim como a maioria das mulheres de hoje, deve ter tido o sonho de “ser alguém na vida”, talvez uma professora, enfermeira, médica. Além disso tudo ter sido negado a ela, tiraram também as suas rosas de ouro, seus filhos.

“Nato, o menorzinho, o meu caçula, também se foi. Depois de quase um mês desaparecido, surgiu um corpo aqui perto de casa. Era o dele. Minha lembrança guarda o abraço que ele me deu naquele dia, quando saiu para o trabalho e de lá iria para a escola. Não retornou à noite e nem no outro dia. Senti o luto antecipado.” (EVARISTO, 2020, p.47).

A sequência desses dois apostos “o menorzinho” e “o meu caçula” estão estrategicamente reforçando o sentimento de dor da mãe. Dá a impressão de que Dolores já vinha nessa expectativa depois de ter perdido o mais velho e o do meio. Isso implica duas realidades para a personagem e que não foram expostas no conto: ou a violência policial era tremenda em sua comunidade ou seus filhos tinham sido captados pela criminalidade. Ainda

não chegamos nesse ponto de análise do conto. Dolores, após saber que encontraram um corpo perto de sua casa sente que aquele é o cadáver de seu filho Nato. Possivelmente, ele nunca tinha passado a noite fora de casa o que pode reforçar a ideia de que ele era simplesmente um jovem trabalhador e um estudante. Exemplos como esse se veem atualmente na sociedade brasileira, como o caso do jovem congolês Moïse Kabagambe. O jovem foi espancado até a morte após ter ido cobrar dois dias de pagamento atrasado ao dono do quiosque onde trabalhava. Em entrevista ao portal G1, em fevereiro de 2022, o primo do jovem morto, Chadrac Kembilu declarou: “Uma pessoa de outro país que veio no seu país para ser acolhido. E vocês vão matá-lo porque ele pediu o salário dele? Porque ele disse: ‘Estão me devendo’?”. A morte dos guris de Dolores e o assassinato brutal de Moïse nos mostram a linha tênue entre ficção e realidade, ao mesmo tempo em que comprova que, de fato, algumas vidas parecem valer mais do que outras. E nessa equação, a vida de jovens negros parece ter pouco ou nenhum valor em relação à vida de pessoas brancas.

2.5.O NOJO

Na ocasião em que o corpo do filho Zael foi encontrado, após três dias de sumido, Dolores Feliciano se dirigiu ao local para identificar o cadáver. Ela frisa que isso ocorreu após um ano da morte de seu filho Chiquinho, o mais velho, por 15 balas. Nesse caso Zael foi assassinado com um único tiro na cabeça que “fez seu cérebro voar pelos ares”. Provavelmente foi morto por um tiro de arma de grande calibre. Considerando o local do tiro – a cabeça – e o grande calibre da arma se pode chamar de execução. Foquemos no assassinato de Zael. Dolores Feliciano está parada próxima ao cadáver, chorando, quando se aproxima um repórter:

Um jornal me entrevistou na ocasião e eu não consegui dizer nada sobre a perda de meus dois filhos. Minhas lágrimas tingiam de sangue o entorno e respingaram sobre a roupa do jornalista. O moço se afastou, me olhando com nojo. De longe, tirou uma foto minha (...).” (EVARISTO, 2020, p.47).

O jornalista se afasta da mãe que chora, com nojo. Ele se aproxima para fotografar aquele rosto em choque, mas não olha para o chão para ver seu filho morto. Quando olha é para perceber que a dor daquela mãe sujou sua roupa com sangue. O jornalista que se aproxima tal qual o urubu se aproxima da carniça, sanguinário por sensacionalismo, totalmente insensível às dores da mãe negra, não quer carregar em si a sujeira que ele mesmo ajuda a alimentar. As lágrimas de água caem dos olhos da mãe, atravessam o vazio entre seus olhos e o corpo do

filho, misturam-se transformando-se em lágrimas de sangue e se refletem em tudo o que está a sua volta: nesse caso o repórter. São lágrimas de justiça. Não adianta o repórter esfregar para retirar a mancha porque já está consumado, tanto a morte quanto a culpa. Que representação da realidade! Muitas vezes a sociedade tenta se esconder quanto as suas responsabilidades, mas a violência e o racismo contra jovens negros e mães negras é tão grande que salta os muros das mansões e os encontra.

O nojo sobre qualquer perspectiva indica repulsa. Ninguém sente nojo de alguém ou de alguma coisa e deseja abraçá-la ou pegá-la. O nojo necessita de distância ou até mesmo de barreiras para que quem olha não consiga ver aquilo a que tem repulsa. A barreira no caso de Dolores Feliciano são as lentes das câmeras e os microfones dos repórteres.

É então mais ‘natural’ sermos mais punitivos e ficarmos mais enojados com atos imorais de membros de grupos a que não pertencemos do que aos nossos. De facto, preconceitos discriminatórios, em relação a etnia, toxicod dependência ou obesidade, estão associados com maior ativação da ínsula, bem como menor empatia, em certas pessoas. (PRATA⁹, 2020).

Dolores Feliciano pertence a uma classe social, que embora seja a maioria da população, recebe o “mérito” de ser esquecida. É comum ver nos ambientes de classe média, ou nas classes mais abastadas questionamentos sobre a classe pobre que são absolutamente inverossímeis. Nos corredores de uma universidade se misturam todas as classes, geralmente os negros são a minoria. As mães negras desses garotos não têm condições de lhes presentear com um carro (por mais barato que seja), ou de lhes dar o melhor celular recém-lançado. Mesmo assim os colegas marcam visitas de campo a lugares a 100 quilômetros de distância, os professores exigem que os alunos tenham carteira de habilitação para participar de determinados projetos de iniciação científica. Isso gera um tipo de exclusão silenciosa. O jovem negro pobre que sofreu para entrar numa universidade sofre ainda mais para sair dela. Nesses processos ora explícitos ora implícitos vão propagando o nojo social. As cusparadas não se resumem apenas à saliva no rosto, mas às exclusões que tiram a possibilidade de um jovem negro entrar numa universidade, e entrando numa ter a dificuldade de sair. Diariamente, mulheres como Dolores Feliciano convivem com às chagas do nojo. Olham-na de toda parte para lhe julgar sobre o tipo de seu cabelo ou de seu penteado; questionam-lhe sobre as roupas que gosta de vestir, procuram a marca e não encontram; “como alguém consegue andar com esse cheiro de alfazema?”, questiona a madame que comprou seu perfume em Paris à moradora de uma comunidade como

⁹ Citação retirada de reportagem ao portal “Notícias Magazine” em 17/04/2022: <https://www.noticiasmagazine.pt/2020/quando-o-cerebro-ativa-a-sensacao-de-nojo/historias/255518/>

Dolores. O nojo de não perceber as diferenças e de julgar os mais oprimidos com a métrica do *high society* faz com que se crie uma atmosfera em que sempre o negro e o pobre estarão errados por pertencerem a “uma classe inferior”. A sociedade precisa entender que as lágrimas e o suor da mãe negra não possuem substâncias tóxicas: não há a toxina do preconceito; não há a toxina da criminalidade; não há a toxina da indiferença. E enquanto ela esperou o acalento recebe a repulsa, o ódio e o nojo.

2.6.A MÃE QUALQUER

A expressão mãe qualquer parece ser paradoxal. Como se pode ser mãe – gerar uma vida – e ser posta ao lado desse pronome indefinido? Podem-se ter três razões: ou não se valoriza a mãe, ou não se valoriza o filho, ou não se valorizam ambos. Mesmo nessas duas possibilidades se sente um grande nível de paradoxo. “Mãe” parece sempre estar brigando com a “Qualquer”. Quando se procura diminuir o papel da mãe tocam logo o problema da educação. O foco é dizer que se o filho age mal é porque a mãe não lhe educou suficientemente bem, não lhe pôs as rédeas e não o castigou de maneira adequada. Dolores Feliciano sofreu desse julgamento. O fato se deu quando um jornal repreendeu o modo como a notícia da morte de Zael foi dada por outro jornal, tratando Dolores como “Mater Dolorosa”:

Jornal sensacionalista compara a dor de uma mãe qualquer com a dor da Mãe de Cristo, nosso salvador. A dor de uma mãe qualquer não pode tomar como referência a imagem da Mãe de Cristo, Nossa Senhora. A Mater Dolorosa sofreu pela morte do Filho que veio para salvar a humanidade. Essa mãe qualquer chora por um filho que simboliza a perdição da humanidade. (EVARISTO, 2020, p. 47).

O jornal chama Dolores Feliciano de “mãe qualquer” três vezes, como se a caracterizasse no passado, no presente e no futuro. A mãe qualquer de Chiquinho; a mãe qualquer de Zael; e a futura mãe qualquer de Nato. A maternidade negra de Dolores não é considerada válida, é menor. O fato do primeiro jornal ter chamada Dolores Feliciano de Mater Dolorosa gerou no segundo a reação de desprezo. Não querem lhe dar o espaço para ser comparada a Virgem Maria por vários motivos, os principais na perspectiva deles: Dolores é uma mulher pecadora que educou mal os filhos; o filho é um criminoso, pecador e culpado. Tanto a Virgem Maria e Jesus Cristo são vistos, pela tradição católica, como pessoas que não contiveram pecados, que não erraram e não erram. O primeiro jornal não é um exemplo de defensor das causas sociais, vide que foi o repórter desse jornal que sentiu nojo de Dolores e se afastou. O “Mater Dolorosa” para eles é apenas uma expressão de efeito, talvez até mesmo com o único intuito de polemizar.

Devemos nos perguntar: “que nome se dá para uma mãe que perde um filho?”. A resposta é dura, mas necessária: mãe. E é pelo fato de todas essas Dolores sentirem essa dor contínua que continuam sendo as mães daqueles filhos mortos. A bala disparada pelo revólver do Estado não apaga o registro de nascimento e nem os nove meses de gestação dessas mães. De modo algum são “mães quaisquer”. Toda a problematização em torno do termo mãe dolorosa vem do desejo da garantia do silêncio.

O jornal só vê o seu passado e concentra naquele cadáver e em sua mãe negra toda a espécie de exclusão e preconceito. Fazem com que aquilo que tratam por “pecado dos filhos” recaiam sobre os ombros e sobre a face da mãe, seja a expondo de maneira a ridicularizá-la, seja explorando sua imagem apenas por pontos de audiência.

2.7.UMA DOR QUE NÃO SE ACABA

A vida da mãe negra no Brasil é caracterizada pela apreensão. A relação com os seus filhos é ameaçada desde o momento da concepção. Muitas engravidam e são abandonadas pelos pais de seus filhos tendo que sustentar sozinhas a família. Outras não conseguem fazer um bom pré-natal seja por não haver disponibilidade na rede pública de saúde seja por falta de tempo (entre trabalho doméstico e trabalho formal). Não é raro ouvir dessas mulheres o fato de terem sofrido violência obstétrica, algumas inclusive perdendo os filhos outras morrendo com eles. É a prática criminosa da medicina que não tem compaixão e nem humanidade. Mas, para as mães que passam por tudo isso e sobrevivem junto com seus filhos a vida é motivo de louvor perene.

Imagine a posição de uma mãe como Dolores Feliciano e veja o quanto já tratamos de suas dores. Ter seus filhos em idade adolescente devia ser um motivo de imensa alegria. Ninguém os havia tomado de si: nem o Estado, nem a doença e nem a criminalidade. Estavam todos ali vivendo ao seu redor. Até que chega o dia em que ela começa a perder um após o outro. Vê-se que essas mulheres precisam ter uma vida com proteção integral, pois elas nunca estão a salvo. Mesmo que Dolores temesse pelas mortes de seus filhos ela não tinha a capacidade física nem financeira de protegê-los, até porque ninguém é capaz disso, é na verdade papel da sociedade proteger os cidadãos. É necessário um programa de proteção social para essas mães para que se evite esse processo de extinção da maternidade negra. O chicote da sociedade tem silenciadores, mas para o ouvido das mães o choro dos filhos é insuportável e a morte deles é a morte de “si mesma”.

Para as mães negras escravizadas da canção a dor era tão latente e iminente que a maternidade era negada por elas mesmas. Não queriam gerar um filho predestinado à escravidão, pois sabiam que o fardo não era leve. Não tinham esperança e essa solidão social as desesperava a ponto de matar seus próprios filhos. Essa é outra perspectiva de análise, talvez mais profunda que o estudo aqui feito e que não adentraremos tanto assim. O que se deve focar aqui é que a dor da mãe Dolores Feliciano é algo que lhe reforça o caráter, pois tudo o que o seu redor quer é ver sua queda. Seus olhos, já ressecados de dor e lágrimas, pedem respeito e conforto, mostram a alma daquela mãe que se consome de aflição e angústia por estar ficando sem seus filhos, abandonada, sozinha à sombra da morte. Seu único conforto foi a presença da “Mater Dolorosa” que entendeu suas dores.

Eu sozinha, dona de minha dor e de meu desespero, verti sangue e mais sangue. Mas eis que a Mater Dolorosa, aquela que, na dor, é semelhante minha, me apareceu em casa e me consolou. Ela me disse que me entendia, mas que eu esperasse pouca ou nenhuma compreensão das pessoas. E desde então a Mater Dolorosa acolhe minha dor e minhas lágrimas de sangue (EVARISTO, 2020, p.47).

O nome Dolores não é um acaso, ele reflete a personalidade da personagem: a mulher das dores. Essa é uma condição tão intrínseca ao seu estado que transparece até mesmo em seu nome, como se essa dor fosse mais do que um sentimento. Dolores é uma sina dessa mãe negra que a persegue dia a dia na luta e no cuidado pela sobrevivência de seus filhos.

2.8. UM ÚLTIMO ABRAÇO

É comum ver nos interiores do Brasil aquelas belas senhoras negras, com seus 70 anos, com um pano amarrado na cabeça, outro em seu ombro, muitas vezes com uma vassoura varrendo a frente de suas casas ou preparando o beiju nas casas de farinha. A cena em si é muito bela. Essas senhoras, em grande parte, trabalharam por anos em uma roça debaixo do sol escaldante do sertão queimando e ressecando sua pele para alimentar seus filhos. Famílias numerosas com 10 filhos ou mais preenchiam as casas. Era um preenchimento de alegria, pobreza e fome. Quantas dessas mães negras sertanejas tiveram, por muitas vezes, de dar aos filhos uma jaca para comer num dia e cozinhar os carochos para almoçar no outro. A janta nem se fala: talvez uma manga ou um punhado de tanajura frita na banha de porco. Eram tempos em que a morte vinha mais por doenças do que por assassinatos. Os filhos, se morressem, eram de fome ou doença – um ou outro poderia ser assassinado, mas na metade do século XX isso não

era tão disseminado – e isso preocupava, afligia, mas não perseguia. As mães viam seus filhos crescer, mal ou bem. Geralmente os abraços dessas mães não era o último, elas sempre estavam perto seja porque trabalhavam na mesma roça seja porque moravam todos a sua volta. Havia ao menos esse círculo familiar que aconchegava. Com o passar do tempo isso foi se perdendo. As mães negras foram trancafiadas em cubículos no alto dos morros, rodeada de criminalidade e enchentes, seus filhos são constantemente assediados pelo tráfico, a morte passou a caminhar com sua foice silenciosamente atrás de seus passos e de seus familiares. E aí encontramos Dolores Feliciano.

O mundo de Dolores Feliciano foi reformulado pela política da morte, pelas ditaduras, por governos que não se importaram com o problema dessas famílias. O fato é que Dolores Feliciano se preocupa quando seus filhos saem de casa para estudar ou trabalhar pelo fato de que eles podem morrer. Dolores não teme por eles se molharem na chuva ou esquecerem o lanche, mas sim pela violência. É a dor do luto antecipado. Segundo a psicóloga Mariana Cancoro de Matos isso deriva de nossa herança patriarcal e escravocrata:

Nossa sociedade tem uma herança patriarcal e escravocrata que até hoje impacta nas possibilidades de ser, falar e existir. Infelizmente, ainda se tem na sociedade a percepção de que alguns são mais ou menos humanos do que outros. Isso leva a uma naturalização das desigualdades e da violência sofrida por determinados grupos. (MATOS, 2018).

O ato de saída de seus filhos era para Dolores Feliciano um gesto constante de despedida. Ela sabia que podia ser a última vez daquele abraço aquecido, por isso mantinha as sensações e a presença. Era um abraço que se convertera em oração de súplica pela vida dos filhos, um pedido de proteção e um até logo. No abraço de Dolores em seus filhos a vida se concentrava na ausência de espaço entre ambos.

Nas lembranças que tenho do último abraço, vejo a imagem dele se aproximando de mim. Consigo me lembrar de todos os movimentos daquela hora. Nos braços abertos para o acolhimento mútuo. Nossos abraços nos abraçando. A partir desses gestos, não consigo recordar mais nada. Não me lembro do gesto da separação. É como se o corpo dele tivesse diluído no ar. (EVARISTO, 2020, p. 47-48).

Essa relação apresentada nesse pequeno trecho é a realidade de muitas mães negras no Brasil. A própria Dolores poderia ter colegas que já tenham vivido a dor da perda dos filhos. Portanto, o luto aqui não é um sentimento abstrato que surge na mente de uma mãe “histórica”, mas uma realidade que persegue – de fato – as mães negras em nossa sociedade.

2.9. DOLORES FELICIANA(S) DE ONTEM E DE HOJE

A mãe Dolores Feliciano já não é materialmente a ama de leite ou a “mãe preta”. Podemos dizer que “as coisas melhoraram consideravelmente”. A abordagem de Conceição Evaristo é, obviamente, privilegiada porque observa essa mãe negra da mesma posição que ela. Com isso, os detalhes da vida da personagem são traçados e os sentimentos representados. Muito importante a personagem ter nome, ser identificada com essa subjetividade, indicando que ela é uma pessoa como qualquer outra. Diz-se que as “coisas melhoraram” porque o chicote com ferro nas pontas – fisicamente – já não fere mais as costas de Dolores e nem as senzalas são sua casa. Agora ela tem a chave de sua prisão particular: a sua casa e de seus meninos.

A literatura de negro-brasileira desenvolve o drama das vidas negras com o tratamento correto. Desenvolve a humanização total das personagens e vivifica suas ações. Sentimentos são apresentados com toda a sua carga emocional, relações familiares são discutidas e fortalecidas. Por isso, a personagem Dolores Feliciano e a escritora Conceição Evaristo são marcos dessa virada da mulher-mãe negra que quer ser escutada e se fazer escutar pela sociedade. Dolores agora amamenta os filhos da sinhá pagando altos impostos sobre alimentos e passagens de ônibus; pagando altas taxas de juros em seu financiamento imobiliário; comprando gás de cozinha que vale metade do preço do fogão. Dolores, hoje, leva as chibatadas do racismo, do preconceito e da injúria racial. A senzala de Dolores hoje é sua casa, cercada de violência e criminalidade. Por essas e por outras é que a expressão “melhorar consideravelmente” também está presa entre as aspas. A escritora Conceição Evaristo se destaca como uma das maiores escritoras brasileiras por construir histórias que buscam romper com a representação estereotipada das personagens negras efetuada pela literatura canônica.

Dolores Feliciano, enquanto mãe negra, é apresentada diferentemente das mães amas de leite. Não restam dúvidas de que ali existe uma relação familiar bem construída e que essa relação é necessária para a vida da personagem. O que antes lhe era negado na literatura canônica, no conto de Conceição Evaristo lhe é presenteado, mesmo que isso signifique suas dores e suas perdas. Afinal, o racismo, machismo e o peso da escravidão ainda reverberam nas diferenças das classes sociais entre mulheres brancas e negras, porém, hoje estas mulheres negras tomaram para si a voz e podem falar e “escrever”.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passamos por diversos lugares, sofrimentos e realidades da vida da mãe negra na sociedade brasileira. A partir da literatura de Conceição Evaristo, expandimos o caso da mãe Dolores Feliciano em todas as direções, observando as semelhanças para com a mulher negra de ontem e de hoje. Os assassinatos que afogam essas mães foram expostos; a sua dor desvalorizada e explorada pela mídia; a incompreensão social. A saudade e o luto da mãe foram postos em destaque, combatendo o silêncio a que ela era obrigada a cumprir. O protesto dos textos da autora foi trazido também para esse trabalho tendo como ponto de partida o conto “os guris de Dolores Feliciano”.

O falso “carinho” dos patrões da casa branca também foi desmistificado. As “mães pretas” e amas de leite não recebiam carinho ou eram “da família”, mas sim serviam como brinquedos ou animais de estimação. Uma exploração que chegou à literatura da época – século XIX e XX – de maneira falsa e romantizada. Mostramos negras que trabalhavam na casa grande e não podiam trazer o pão que lhe era oferecido para seus próprios filhos. Restavam-lhes os farelos. Essa situação de pobreza econômica atinge majoritariamente as mães negras no Brasil que às vezes se agrava pelo abandono da família pelos maridos.

Problemas familiares e de violência doméstica também foram apresentados. Trouxemos da literatura para a vida real a chaga da dor de mães que sofrem abusos de seus próprios esposos. Mostrou-se o quanto a violência ronda as casas dessas mulheres que muitas vezes permanecem o dia inteiro trancada em trabalhos domésticos. Muitas atingidas pela chaga do desemprego e da marginalização social. A dor da apreensão e da espera pela volta dos filhos. O “luto antecipado” como falava Dolores Feliciano que é fruto da brutalidade do crime organizado e da violência estatal. Mortes atrás de mortes sem desfechos ou investigações sérias.

Por fim, mostramos como a mãe negra atravessa esse mar de dores, seja pela perda que a morte traz, seja pelo abuso e pela violência, seja pelo preconceito e racismo. O que espero não ter restado dúvidas é que a mãe negra não sofre menos do que qualquer outra pessoa, que suas lágrimas não valem menos que as lágrimas de qualquer outra mãe, e que os seus filhos e a sua maternidade são um direito que nunca deveria ser lhe questionado ou retirado.

Assim, a partir da realidade ficcionalizada, Conceição Evaristo nos impele a mudar a estrutura social, a mexer nas engrenagens, ou nos parafusos que nos são possíveis até que o a máquina, ou seja, a estrutura social já não seja mais composta de peças racistas.

Nesse interim, a pesquisa mostrou a mim, mulher negra, mas aceita socialmente como branca – em alguns espaços – que jovens negros morrem dez vezes mais que brancos no meu estado, por exemplo, e que cerca de 46% de pessoas brancas, segundo a pesquisa do Data Senado de 2013, não percebem que a morte de jovens negros choca menos que a de brancos e posso dizer que somente a partir da literatura de Conceição Evaristo, combinada a algumas situações vivenciadas por mim nos últimos tempos, consegui enxergar isso, e almejo que outras pessoas também possam enxergar.

Além disso, também preciso dizer que me identifico com Dolores Feliciano, desde a rotina que ela vive, à espiritualidade que ela viveu no momento de luto. No meu caso, diante de grande violência no parto, que repercutiram em grandes problemas em minha saúde não tive senão a Virgem Maria como rede de apoio, isolada em uma UTI, vendo tantas mães chorarem por seus filhos mortos. Diante deste fato, não pude pesquisar outra matéria senão esta experiência, este fato: o luto que Conceição Evaristo descreve tão bem, a partir da realidade que perpassa a mulher negra.

4. REFERÊNCIAS

ALARCÃO, A. C. J., CARVALHO, M. D. B., PELLOSO, S. M. (2008) A morte de um filho jovem em circunstância violenta: compreendendo a vivência da mãe. *Revista latino-americana de enfermagem*. Artigo. Maringá. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlae/a/JYbmHvhHc3jkDgm6bdjCjgp>> Acesso em 10/04/2022

A solidão tem cor: o sofrimento das mulheres negras no Brasil. Mariana Cancoro de Matos, 2018. Disponível em: <<https://observatorio3setor.org.br/carrossel/a-solidao-tem-cor-o-sofrimento-das-mulheres-negras-no-brasil/>> Acesso em 21/04/2022.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BOUSSO, R. S., Poles, K., Serafim, T. S., & Miranda, M. G. (2011). Crenças religiosas, doença e morte: Perspectiva da família na experiência de doença. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45(2), 397-403. <doi: 10.1590/S0080-62342011000200014> Acesso em 12/04/2022

BRANDÃO, F. R. M., & CHALHUB, A. (2009). A repercussão da morte de um filho na organização e estrutura familiar: uma revisão de literatura [Trabalho de Conclusão de Curso, Centro Universitário Jorge Amado]. Psicologia.

CARNEIRO, Fabiana da Silva. *Maternidade negra em Um defeito de cor*: a representação literária como disrupção do nacionalismo, USP, São Paulo, 2017.

Conceição Evaristo: 7 frases marcantes da escritora no “Roda Viva”. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/09/07/conceicao-evaristo-frases-poderosas-em-entrevista-no-roda-viva.htm> > Acesso em 15/04/2022.

Conceição Evaristo. Reportagem do Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/conceicao-evaristo.htm>> Acesso em 15/04/2022.

COSTA, Joseane dos Santos. Literatura e maternidade em contos de Conceição Evaristo e no romance *As Alegrias da Maternidade*, de Buchi Emecheta. Dissertação de Mestrado. Campina Grande. Universidade Estadual da Paraíba, 2020.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. Ensaio, Revista Palmares, 2017.

EVARISTO, Conceição. *História de Leves Enganos e Parecenças*. Rio de Janeiro. Malê, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Rio de Janeiro. Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro. Malê. 2017.

FLAUZINA. Ana Luiza Pinheiro. *Corpo Negro Caído no Chão*: o sistema penal e o projeto genocida do Estado Brasileiro. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

FREITAS, J. L., MICHEL, L. F. (2014) A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. Artigo. Brasília. <<https://doi.org/10.1590/1413-737222324010>> Acesso em 10/04/2022.

GONÇALVES, M. J. D., CARDOSO, S. M. O corpo-útero que verte sangue e leite: representações da maternidade negra em “O sagrado pão dos filhos” e “Os guris de Dolores Feliciano”, de Conceição Evaristo. Artigo científico, 2020.

GONZALEZ, Lélia (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, p. 223-244

HURSTON, Zora Neale. *Seus olhos viam Deus*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro, Record, 2002.

KOVÁCS, M. J. (1992). Morte, separação, perdas e o processo de luto. In: Kovács, M. J. (Org.), *Morte e desenvolvimento humano* (pp. 149-164). São Paulo: Casa do Psicólogo, 3a ed.

LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

Maternidade e racismo: a exclusão das mães negras. Disponível em: <<http://themis.org.br/maternidade-e-racismo-a-exclusao-das-maes-negras/>> Acesso em 19/04/2022.

Mulheres negras são as principais vítimas de homicídios; já as brancas compõem quase metade dos casos de lesão corporal e estupro. Disponível em: < <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/09/16/mulheres-negras-sao-as-principais-vitimas-de-homicidios-ja-as-brancas-compoem-quase-metade-dos-casos-de-lesao-corporal-e-estupro.ghtml>> Acesso em 17/04/2022.

Quero justiça', diz mãe de jovem congolês morto em quiosque na Barra da Tijuca. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/01/31/quero-justica-diz-mae-de-jovem-congoles-morto-na-barra-da-tijuca.ghtml>> Acesso em 20/04/2022.

RONCADOR, Sonia (2008). O mito da mãe preta no imaginário literário de raça e mestiçagem cultural. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 31, p. 129-152, jan./jun.

Violência contra a juventude negra no Brasil. Pesquisa de opinião pública nacional. Brasília, novembro de 2012. Disponível em: <www.senado.leg.br/datasenado> Acesso em 13/04/2022.

WASELFISZ, J. J. *Mapa da Violência 2015: Mortes Matadas por Armas de Fogo*. Brasília, Disponível em <www.juventude.gov.br/juventudeviva>. Acesso em 09/06/2022

WALLACE-SANDERS, Kimberly (2008). *Mammy: a century of race, gender, and Southern memory*. Ann Arbor: University of Michigan Press.